

Este livro é
para sempre

Formação dos líderes da nova Economia

A Escola dos Deuses

Formação dos líderes da nova Economia

Elio D'Anna

Tradução Graça Congro

3a. edição revista e ampliada



Livro para ser Livre

São Paulo 2012

Título original: La Scuola degli Dei
Copyright © Elio D'Anna.
Publicado de acordo com a
UR Music - European School of Economics - Itália

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão escrita do Autor, exceto as citações incorporadas em artigos de crítica ou resenhas.

Diretora Editorial: Júlia Bárány
Preparação de Texto: Barany Editora
Revisão: Salete Brentan e Bel Ribeiro
Projeto Gráfico e Produção: Berel Alterman e Luis Chiapinotto
Diagramação da edição 2012: Barany Editora
Capa da edição 2012: Emília Albano
Imagem da Capa: Wainer Vaccari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

D'Anna, Elio
A escola dos deuses / Elio D'Anna ;
tradução de Graça Congro. -- São Paulo :
Barany Editora, 2007.

Título original: La scuola degli dei.

1. D'Anna, Elio 2. Empreendedores –
Biografia I. Título.

07-7614

CDD-338.04092

Índices para catálogo sistemático:

1. Empreendedores : Biografia 338.04092

ISBN 978-85-61080-16-7

Todos os direitos desta edição são reservados à
Barany Editora © 2012
São Paulo - SP - Brasil
contato@baranyeditora.com.br

www.baranyeditora.com.br

Livro para ser Livre

Ao Dreamer que se encontra em cada ser,
que impulsiona meu sonho
a alturas além do meu intelecto
e a profundezas além das minhas emoções,
que me chama e me comanda
a me tornar livre

Apresentação ao leitor brasileiro

Ler este livro foi uma das grandes viagens que já empreendi. O autor nos leva a trilhar o caminho para nosso interior. Em ritmo ágil, vai levando o leitor a fazer um novo pacto com a vida.

O personagem principal poderia ser alguém de qualquer área de atividade. Ocorre que é, de início, uma figura bem conhecida no ambiente de negócios, o executivo de sucesso que tem no trabalho seu grande significado existencial. Não opõe resistência aos mil chamarizes da vida executiva, que atraem sua atenção para fora de si: crescimento profissional, boa situação financeira, compromissos sociais, festas, adulações. Ele investe pesadamente no sucesso material e profissional, deixando para terceiro ou quarto planos a vida espiritual e a qualidade dos seus relacionamentos. Acaba sendo um ser isolado, sem ninguém, amigo ou parente, a quem possa chamar de “próximo”.

No mundo do trabalho, corre-se o risco da fascinação por uma pseudorealidade. Quem já não se identificou com o papel que exerce nesse jogo? A ilusão é reforçada diariamente pelas nossas próprias percepções e anseios. Ficamos indefinidamente interpretando, enquanto a evolução da alma fica estagnada. Criamos tamanha cegueira interna que, ao final, perdemos a conexão com nossas próprias fontes de felicidade e evolução. Nem sabemos o que queremos realmente. Um indivíduo assim dependente, amarrado, é como um zumbi, sem qualquer rastro de vida interior. Na sua ilusão de ser fraco diante dos desafios, tem muito para mostrar aos outros, mas não tem o que mostrar para si próprio. Perde-se na correria de todo dia, sem saber onde mora sua vontade.

Para romper as redes de dependência com o mundo externo, eventualmente temos a sorte de, de repente, sermos encontrados por um Dreamer, um guia interior, que estava à nossa espreita e nos tira do torpor. Se estivermos receptivos, certamente, Ele não deixará que a oportunidade se perca. Se não estivermos receptivos, o Dreamer aguardará até que estejamos prontos. A vida oferece oportunidades a toda hora, por meio de pequenos toques, de eventos mais dramáticos, de pessoas do nosso relacionamento.

Entretanto, o Dreamer nada pode fazer se não utilizarmos o livre arbítrio para empreender com sinceridade a viagem para dentro de nós mesmos. O caminho

não é nem reto e nem plano. Ao contrário, como retrata *A Escola dos Deuses*, é um caminho tortuoso, com idas e vindas, momentos de profundo desânimo e momentos de glória.

Como todo mundo, tive (e terei) na vida pontos decisivos, quando vou em busca de meu ser interior com mais intensidade. Nessas transições, costumo lançar mão de algum suporte: percorri a pé o Caminho de Santiago, fiz muitas anotações para um livro, procurei coaches para receber orientação e assessoramento pessoal e profissional. Para encontrar os meus dreamers, procuro o apoio de pessoas amigas ou de profissionais que atuem como espelho e, sempre que possível, crio espaços grandes de isolamento e afastamento da rotina.

Isso tem me auxiliado no trabalho com famílias empresárias em processo de transformação e profissionalização. Minha tarefa é ajudá-las a desempenhar o ser no campo dos negócios. Além das técnicas e do conhecimento específico, acredito, meus mergulhos interiores os têm estimulado a se interiorizarem também. Um feedback assentado na própria interiorização é, para o cliente, uma parede de contato com sua própria realidade, sempre muito mais rica e vasta que as aparências.

Senti grande afinidade com o conteúdo deste livro porque ele revela a enorme amplitude de ação que cada ser humano pode ter. A obra oferece como que um itinerário do autoconhecimento e mostra como o medo de sermos nós mesmos é o grande obstáculo a ser vencido. Descreve a luta de um homem para aprender que nós mesmos criamos as barreiras que nos cerceiam. O Dreamer também o leva a compreender que entre ser, ter e fazer, tudo começa pelo ser, e não o contrário.

O sal da vida está em ousar ser quem se é por dentro. Pessoas que estão firmemente ancoradas em seu interior têm o condão de ver barreiras imensas como pequenas dificuldades circunstanciais. Têm coragem e clareza para mudar a realidade para si e para os outros.

Herbert Steinberg

Herbert Steinberg é presidente-fundador da *MESA Corporate Governance e da HPI Brasil – Human Perspectives International*. É counsellor de presidentes e membros de conselho de administração. Coordena o comitê estratégico de governança corporativa da American Chamber (Amcham) em São Paulo. Foi vice-presidente de recursos humanos do grupo Santander Banespa, diretor corporativo de RH do Citibank, diretor de RH do McDonald's e sócio-diretor da DBM – Drake Beam Morin do Brasil. Tem se dedicado a estimular as pessoas a buscarem mais espiritualidade e autoconhecimento e com tal objetivo escreveu *Sabático – Um tempo para crescer e Um executivo no Caminho – Da razão ao coração*. Escreveu também *A dimensão humana da governança corporativa*.

Este Livro

Este livro é um mapa, um plano de fuga.

Seu objetivo é mostrar a trajetória que um homem comum seguiu para escapar da hipnótica narração do mundo, da lamentosa e acusatória descrição da existência, para escapar da trilha de um destino já traçado.

Este livro jamais teria existido, nem eu poderia ter escrito uma linha sequer, não houvesse encontrado o Dreamer e Seus ensinamentos.

A Ele, o Dreamer, dedico minha infinita gratidão por ter me conduzido pela mão no mundo do SONHO, no mundo da coragem e da impecabilidade, onde o tempo e a morte não existem, e a riqueza não conhece *ladrões nem ferrugem*.

Nessa viagem de retorno à essência, tive de me livrar de muitos pesos: pensamentos medíocres, emoções negativas, convicções e ideias de segunda mão. Tive de *vencer a mim mesmo*, reconhecer e enfrentar minha parte mais obscura.

Tudo aquilo que vemos, tocamos e ouvimos, a realidade em toda a sua multiplicidade, é a projeção de um universo invisível, que existe acima do nosso mundo, e dele é a verdadeira causa. Dificilmente tomamos consciência de que estamos circundados pela invisibilidade; vivemos em um mundo que resulta do SONHO, e tudo aquilo que importa e é real num ser humano é invisível.

Todos os nossos pensamentos, sentimentos, fantasias, imaginações são invisíveis. Nossas esperanças, ambições, segredos, medos, dúvidas, perplexidades, incertezas, e todas as nossas sensações, atrações, desejos, aversões, amores ou ódios pertencem ao sutil, ao impalpável, porém real, mundo do ser.

O invisível não é algo metafísico, poético ou mítico, nem misterioso, secreto ou sobrenatural; não é uma porção estável do mundo dos fenômenos e dos eventos, das categorias da realidade. Em cada época, a mudança do momento histórico, do ambiente intelectual, e o uso de instrumentos mais sofisticados modificam continuamente as fronteiras, inserindo porções sempre maiores do invisível de ontem entre os legítimos temas da pesquisa científica de hoje.

Este livro é a história do *renascimento* de um homem comum, síntese de uma humanidade decadente, fracassada. Sua viagem de retorno à essência é um novo êxodo em busca da integridade perdida.

A primeira condição para começar essa viagem é a consciência do próprio estado de escravidão.

A raiz, a causa primeira de todos os problemas do mundo, desde a endêmica pobreza de regiões inteiras do planeta até a criminalidade e as guerras, encontra-se na própria humanidade, que pensa e sente negativamente.

As emoções negativas governam o mundo que conhecemos. Elas são irrealis, e mesmo assim ocupam cada canto de nossa vida. Para mudar o destino do ser humano é preciso mudar sua psicologia, seu sistema de convicções e crenças. É preciso extirpar de seu âmago a tirania de uma mentalidade conflituosa, frágil, mortal. A doença mais temida do planeta não é o câncer nem a aids, mas o pensamento conflituoso do homem. É esse o esteio sobre o qual se apoia a habitual visão do mundo, o verdadeiro assassino planetário.

A direção indicada pelo Dreamer é assustadora e maravilhosa, sofrida e alegre, absurda e necessária, tal qual o percurso do salmão que sobe o rio contra a correnteza.

Ainda que de início Sua filosofia me parecesse uma transgressão às leis naturais a que está sujeita toda a humanidade, seus preceitos são previstos e desejados pela ordem universal das coisas, e desta exprimem a visão mais elevada.

Este livro é a narração dos anos de estudo e de preparação vividos ao lado de um ser *extraordinário*, de quem tive o privilégio de receber a mais incrível das tarefas: a criação de uma Escola planetária, uma Universidade sem fronteiras.

*Sonhei uma Revolução Individual
capaz de mudar completamente os paradigmas mentais da velha humanidade
e libertá-la para sempre dos conflitos,
da dúvida, do medo, da dor.*

*Sonhei uma Escola que eduque
uma nova geração de líderes
e capacite-os a harmonizar os aparentes antagonismos de sempre:
Economia e Ética, Ação e Contemplação,
Poder Financeiro e Amor.*

Crescendo, mudando diante dos meus olhos como um ser em gestação, dia após dia, *A Escola dos Deuses* construía-se, e eu me construía. Aparentemente, era eu a escrevê-lo; na realidade, o livro já estava escrito desde sempre.

As leis do Dreamer, Suas ideias, ainda estão escavando-me por dentro e, em sua maioria, permanecem incompreendidas.

Como Prometeu, apossei-me de uma centelha do mundo do Dreamer e conservo-a zelosamente para um dia poder doá-la aos homens e às mulheres que, como eu, desejarão abandonar os círculos infernais da mediocridade.

Uma vez acreditei que escrever e, principalmente, ensinar, fosse o verdadeiro dar. Hoje sei que ensinar é somente um estratagema para se conhecer, para descobrir a própria imperfeição e curá-la.

Pode-se ensinar somente se não se sabe, disse o Dreamer. Quem realmente sabe, não ensina!

Aquilo que já compreendemos, o que realmente possuímos, não se pode transferir.

A felicidade, a riqueza, o conhecimento, a vontade, o amor não podem ser adquiridos fora, não podem ser dados, mas somente recordados. São bens inalienáveis do ser e, por isso, patrimônio natural de todo ser humano.

Nenhuma política, religião ou sistema filosófico pode transformar a sociedade. Somente uma revolução individual, um renascimento psicológico, um restabelecimento do ser, de cada ser humano, célula por célula, poderá conduzir a um bem-estar planetário, a uma civilização mais inteligente, mais verdadeira, mais feliz.

No relato do quanto aprendi ao lado do Dreamer, evitei intencionalmente incluir episódios, acontecimentos e revelações que pudessem exceder a capacidade de aceitação do leitor, escolhendo apenas aqueles temas que, ainda que *revolucionários*, pareceram-me condizentes com o estado atual da humanidade.

1

O encontro com o Dreamer

Naquele tempo eu morava em Nova York, em um apartamento na Roosevelt Island, a pequena ilha no meio do East River, entre Manhattan e Queens. A ilha, como um navio ancorado, parecia a ponto de se desvencilhar das amarras e deixar-se levar pela correnteza rumo à liberdade do oceano; todavia, dia após dia, permanecia imóvel na escuridão ondulada do rio.

Entrei no quarto para dar boa-noite às crianças, mas já dormiam. Na ponta dos pés, retornei à sala. O silêncio da noite envolvia-me, ocultava-me. Um sentimento de estranheza, quase repulsão, fazia-me sentir um ladrão embrenhado na vida de um desconhecido. Continuei observando a silhueta pontilhada de luzes da Queensborough Bridge. A ponte parecia suspensa sobre o imenso vazio dos seus átomos de metal. O frio pairava como uma ameaça iminente.

Jennifer havia pouco retirado-se para o quarto, no melhor estilo americano de pontuar um desentendimento. Eu havia voltado tarde aquela noite.

Havia ido ao aeroporto J. F. Kennedy buscar um amigo que não via fazia tempo. Do encontro restou-me a impressão de que sua vida era mais tranquila e mais feliz que a minha. Sentimentos de inveja, ciúmes e uma rivalidade cega, emersos em um passado não resolvido, manifestaram-se por uma incontida loquacidade, um impulso de falar sem freios. No carro, desfilei uma sucessão de mentiras, uma história romanceada dos meus anos em Nova York. Falei-lhe da minha impossibilidade de comparecer a todas as festas a que me convidavam, contei das vernissages, das premièeres teatrais, dos meus sucessos profissionais, dos meus hobbies, e, sobretudo, do quanto eu era feliz com Jennifer.

As palavras sufocavam-me, um pranto despontava. Sentia uma crescente náusea de mim mesmo e daquele jorro denso e irreprimível de insinceridades,

daquele descontrole de mentiras. Era insuportável. Queria pôr fim àquela absurda exibição, porém, quanto mais tentava interromper aquele fiasco, mais sentia a impossibilidade de separar-me daquele ser mecânico, o homem que eu era; quanto mais me repugnavam as palavras que eu próprio pronunciava, mais eu via a impossibilidade de remediar a situação.

Éramos dois no mesmo corpo. Aterrorizava-me a ideia de ficar preso num ser bifronte, siamês, centauro, andrógino, de ser um eterno recluso de uma simbiose grotesca e feroz.

O ar tornou-se pesado. Percebi ter errado o caminho. Estávamos entrando num labirinto ermo e triste de vias mal iluminadas, cada vez mais sujas. As palavras apagaram-se e um gelado silêncio tomou o carro. Eu conduzia lentamente, como se estivesse sob a violência de uma tempestade torrencial, quando vimos atrás de nós os faróis de outro carro aproximarem-se e, então, vi vultos furtivos movimentarem-se atrás da pilastra de um viaduto. Voltei-me para olhar o meu amigo. Gelei. Ele tremia descontroladamente; seu rosto era uma máscara de terror. Acelerei. Meu coração batia tão forte que o sentia fugir do peito. Instintivamente, entrei na primeira travessa que encontrei. Tive de esterçar bruscamente para evitar bater em um grupo de mendigos espremidos ao redor de uma fogueira improvisada. As sombras dos edifícios eram goelas monstruosas, a garganta de um inferno que nos devorava.

Um grito insistente de sirene cortou o ar e chocou-se contra aquela atmosfera opressiva, estilhaçando-a. Pelo retrovisor, por onde observava desesperado o carro que nos seguia, vi os faróis distanciareem-se até desaparecerem engolidos pela escuridão. Reconheci os sinais de um bairro mais humano e algumas placas indicadoras que enfim nos socorreram.

Nunca mais revi aquele velho amigo.

Subi pelo elevador na companhia de um enorme homem negro, meio retardado, que tagarelou sem cessar até eu descer no 17º andar. Na Roosevelt Island, naquela época, faziam-se experimentos de integração social, e não era raro o encontro com deficientes que residiam na ilha com seus acompanhantes.

A acolhida que Jennifer me reservou, com seu cabelo que ondulava envolto em bobes, como as serpentes da medusa, o cigarro entre os dedos enquanto esbravejava e media, a passos nervosos, a sala de estar, foram os seus últimos reflexos no espelho da minha vida. Senti o vazio da nossa relação e toda a dor da minha existência, como se o lento anestésico que me havia entorpecido por anos estivesse de repente perdendo o efeito. Aquele apartamento, o relacionamento com aquela mulher ou qualquer objeto sobre o qual eu pousasse o olhar mostravam uma mediocridade irremediável. Aquelas escolhas que acreditei serem expressões da minha personalidade estavam se revelando armadilhas sem saída.

Não era isso que eu havia sonhado para minha vida! Percebi com repugnância a minha impotência. Um desespero mudo me dominou. Uma torrente gélida, densa, abateu cada barreira, cada mentira, cada compromisso, e lançou-me como um náufrago sobre a margem desolada do ser. Reclinei a cabeça sobre os braços. A tristeza transformou-se em sono.

O interior da casa estava imerso em escuridão profunda, somente quebrada pelos presságios do crepúsculo da manhã. Uma antiga tela ocupava a parede do fundo da grande sala. A luz tênue permitia-me ver a paisagem campestre com uma figura sonhadora ao centro. Como na pintura, cada detalhe daquele ambiente, da arquitetura à decoração, transmitia uma intensa mensagem de beleza. Encontrar-me naquela casa, àquela hora incerta entre a noite e a aurora, era muito estranho. Mas não me sentia surpreso. Tudo me parecia familiar, ainda que estivesse certo de jamais ter estado ali antes.

A casa permanecia silenciosa, como absorta em um pensamento. Subi a antiga escada de pedra até a porta maciça de um cômodo. Reparei que eu estava cuidadosamente vestido, como para um encontro com uma autoridade desconhecida. Não me recordo o que agitava meu espírito, mas estava ansioso, mal-humorado. Uma ciranda de pensamentos alimentava meu monólogo interior como gravetos em uma fornalha. Tirei os sapatos, deixando-os à porta. Também esse ato pareceu-me natural. Certamente, aqueles movimentos, conhecidos e necessários, faziam parte de um ritual já realizado outras vezes. Tinha a impressão de até mesmo saber o que me esperava além daquela porta, sem que na verdade fizesse a mínima ideia. Ao bater à porta, uma repentina inquietação substituiu imediatamente o fluxo dos meus pensamentos; senti uma espécie de temor reverencial. Alguma coisa dentro de mim sabia. Sem esperar resposta às minhas leves batidas, apoiei meu peso sobre a maçaneta de ferro e empurrei a porta o suficiente para minha passagem.

Meus olhos pousaram sobre a lareira. O intenso brilho das chamas fez-me arder a vista, tanto que precisei desviar o olhar e fechar as pálpebras para não lacrimejar. *Ele* estava ao lado do fogo. De costas para mim. Vi projetada na parede a sombra do Seu vulto. O cômodo que o fogo distante deixava na penumbra era, em dois de seus lados, atravessado por imponentes arcos que emolduravam janelas antigas, órbitas oculares de pedra abertas na escuridão. Através delas, a leste, eu via uma porção do céu suavizar-se em cores de aurora.

Eu avançava cauteloso e havia dado poucos passos sobre o mármore branco do pavimento, quando Sua voz ressoou alta e terrível, congelando cada movimento e cada pensamento meus.

Seu estado é desastroso!, disse, sem se voltar. *Posso sentir isso pelo modo como entrou, por seus passos e, sobretudo, pelo mau cheiro das suas emoções. Você é uma multidão, uma turba de pensamentos. Aonde vai nesse estado? Com que dificuldade você deve conseguir viver essa sua existência de subalterno!*

“Eu não sou um subalterno!”, rebati com força, como se me defendesse de um ataque físico inesperado. Quem quer que fosse, era oportuno já estabelecer a distância certa entre nós. Mas o ímpeto de minhas palavras abateu-se como se atingisse paredes almofadadas. Assaltado por um temor desconhecido, com esforço reencontrei a voz para replicar: “Eu sou um executivo!”.

O silêncio que se seguiu cresceu no ser ao extremo. Dentro, uma risada mordaz ecoou por um tempo infinito. Permaneci em inquieta apreensão, incerto sobre do que Ele zombava em mim e se, de fato, o fazia. Depois daquela eternidade, a voz emergiu de novo.

Como você se permite dizer EU?, falou com um tom de desprezo que me golpeou como uma bofetada. *No meu mundo, dizer EU é uma blasfêmia.*

EU é a divisão que você carrega dentro de si... EU é a sua multidão de mentiras... Cada vez que você declara um desses seus pequenos eus, você está mentindo.

Pode dizer EU somente quem conhece a si mesmo, é dono da própria vida... quem possui uma vontade.

Houve uma pausa.

Quando recomeçou, Suas palavras soaram ainda mais ameaçadoras:

Não pronuncie nunca mais eu, ou então aqui você não poderá mais voltar!

Observe-se... Descubra quem você é!

Ser uma multidão significa ficar preso num sistema irreal, inescapável, um sistema autocriado de falsas crenças e mentiras.

A falta de unidade deixa o ser humano na prisão da ignorância, do medo e da autodestruição, e causa doença, degradação, violência, crueldade e guerras no mundo externo.

O mundo é como você o sonha... é um espelho. Fora você encontra o seu mundo, o mundo que você construiu, que você sonhou.

Fora você encontra você! Vá ver quem você é. Descobrirá que os outros são a imagem refletida da mentira que você carrega, da penhora moral, da sua ignorância... Mude!... E o mundo mudará.

Você cria um mundo doente e depois tem medo da sua própria criatura, da violência que você mesmo gerou. Acredita que o mundo seja objetivo... mas o mundo é como você o sonha. Vá pelo mundo e aceite... Encontre os pobres, os violentos, os leprosos que você carrega. Aceite-os... Não os evite, não os acuse... Renda-se ao seu mundo. Vá e aceite conscientemente aquilo que você criou, um mundo rígido, ignorante... sem vida.

O poder de um homem encontra-se em possuir a si mesmo e, ao mesmo tempo, em render-se a si mesmo.

Bruscamente, a voz assumiu o tom áspero de uma ordem:

Na minha presença... papel e caneta!, ordenou. Não se esqueça disso!

O tom peremptório e aquela repentina mudança de assunto desconcertaram-me. O desconcerto transformou-se rapidamente em medo e pânico.

Senti-me subjugado por uma ameaça mortal. Cada sentido estava em alerta máximo quando senti Sua voz se transformar em um potente sibilo.

Desta vez terá de escrever. Papel e caneta serão sua única salvação. Escrever Minhas palavras é o único modo de você não esquecer... Escreva! Somente assim poderá reunir os pedaços dispersos da sua existência.

Depois, como se não houvesse jamais interrompido, retomou minha última afirmação e rebateu:

Um executivo é um empregado, um subalterno que se esforça em acreditar naquilo que faz; impõe uma crença... é o sacerdote de um culto que, por mais medíocre que seja, dá a ele uma competência, a sensação de ter uma direção. Mas você não tem nem mesmo isso! Pensamentos, sensações e desejos sem a presença da vontade são fragmentos insensatos dentro do ser, e você é um fragmento à deriva no Universo...

Suas palavras caíram sobre mim como uma ducha fria e imprevista que me deixou atordoado. A temperatura pareceu baixar muitos graus. Senti-me regelar. Um embaraço enorme, como nunca antes experimentei, apoderou-se de mim com cruel lentidão. Estremeci ao ouvir Sua voz falar-me aos ouvidos, tão próxima a ponto de poder sentir Sua respiração. O tom era um sussurro rouco, sem doçura.

Nas tribos indígenas da América havia uma casta dos últimos representantes: homens que não eram nem xamãs nem guerreiros, não caçavam, não competiam nem pela própria posição nem pelas mulheres... A eles eram destinados os trabalhos mais pesados e fatigantes. Eram aqueles que retrocediam diante das provas de coragem, de incorruptibilidade.

Deteve-se para, em seguida, dar-me Sua estocada. Eu estava paralisado e não podia fazer nada para me proteger ou deter o movimento: *Em qualquer tribo, primitiva ou moderna, sussurrou com ferocidade, você seria colocado ali, naquele ponto da escala.*

O golpe atingiu-me em pleno peito. Explodi de vergonha. Agora não me importava nem ao menos que parasse. Queria somente fugir, encontrar forças para simplesmente dar as costas e desaparecer. Bastaria o som de um telefone ou de um despertador para tirar-me dali. Mas eu não podia mover um músculo nem fazer movimentos. Uma lei implacável, bem ali, no mundo do Dreamer, não permitia um só gesto, um só suspiro que não possuísse dignidade.

Eu sei, você gostaria de sair do SONHO, continuou sem dar trégua. Mas Eu sou a realidade. Sua vida, o mundo que você acredita poder escolher e decidir são irrealis... são um horrível pesadelo. Casar-se, ter filhos, fazer carreira, ter uma casa, ser estimado e reconhecido pelos outros... e mais tudo aquilo em que você sempre acreditou são fetiches sem sentido que você idolatrou e colocou à frente de tudo.

Somente o SONHO é real, afirmou. O SONHO é a coisa mais real que existe. Aprenda a se movimentar no mundo do real. Aqui os hábitos e as convicções, os velhos códigos, não têm valor... Aquilo que você chama realidade é só aparência, algo completamente distorcido, e no velho não existe nada que você possa aproveitar... Você deverá aprender um novo modo de pensar, de respirar, de agir e de amar.

Você tem vivido uma existência sem finalidade... dolorosa. Escondido atrás de um emprego, atrás da proteção ilusória de um salário, você está perpetuando a pobreza, o sofrimento do mundo, diagnosticou com voz doce e severa, como se estivesse diante da constatação de um dano grave. A vida é muito preciosa para depender e é muito rica para perder! É hora de mudar!

Uma pausa multiplicou a força do que anunciou em seguida:

É tempo de abandonar sua visão conflituosa de mundo. É tempo de morrer para tudo aquilo que não tem vida. É tempo de um renascimento. É tempo de um novo êxodo, de uma nova liberdade. É a maior aventura que um homem pode imaginar: a reconquista da própria integridade.

Meus olhos haviam se habituado àquela penumbra quando a aurora começou a dissipar a escuridão da noite. Um raio de sol atingiu a grande trave de mogno sobre a qual pousava o frontão de pedra. Entalhadas em grandes letras góticas e pintadas a ouro apareceram as palavras:

Visibilia ex Invisibilibus.

O trabalho é escravidão

“Quem é Você?”, mal tive forças para perguntar.

Eu sou o Dreamer. Eu sou o sonhador, e você, o sonhado. Você chegou a Mim por um instante de sinceridade.

O silêncio ampliou os próprios contornos ao infinito. Sua voz tornou-se um murmúrio.

Eu sou a liberdade!, anunciou. Depois de ter Me encontrado, você não poderá mais viver uma existência tão insignificante.

O que me disse a seguir ficou gravado para sempre na minha memória:

Depender é sempre uma escolha pessoal, ainda que involuntária. Nada nem ninguém pode obrigá-lo a depender; somente você pode fazê-lo.

Fixando-me propositalmente, afirmou que a atitude de acusar o mundo e lamentar-se era a maior prova da incompreensão desses princípios. Um homem não depende de uma empresa; não é limitado por uma hierarquia ou por um chefe, mas o é pelo medo. Dependência é medo.

Depender não é efeito de um contrato, não é ligado a um cargo, nem nasce do fato de se pertencer a uma determinada classe social. Depender é a consequência da perda da própria dignidade. É o resultado de um esmagamento do ser.

Essa condição interior, essa degradação, assume no mundo a forma de um emprego, assume o aspecto de uma posição de subordinação. Depender é o efeito de uma mente tornada escrava por apreensões imaginárias, pelo próprio medo... A dependência é o efeito visível da capitulação do sonho.

Essa conclusão e o modo cadenciado de pronunciar as sílabas da palavra *depend* revelavam-me o seu verdadeiro significado, oculto no uso comum.

A dependência é uma doença do ser!... Nasce da sua própria incompletude, denunciou o Dreamer. *Depender significa deixar de acreditar em si mesmo. Depender significa deixar de sonhar.*

Quanto mais eu refletia no que me dissera, mais o ensinamento calava fundo dentro de mim. Meu ressentimento aguçou-se até a cólera. Aquele Seu modo de exprimir juízos peremptórios sobre uma gama tão vasta de pessoas era intolerável. O que tinha a ver a vida, o trabalho de um homem, com seus sentimentos ou com seus medos? Para mim, esses dois mundos, interno e externo, sempre foram separados, e assim deveriam continuar. Eu acreditava firmemente que se podia depender externamente e ser livre internamente. Essa certeza alimentava minha indignação.

Como milhões de homens, você sempre viveu escondido nos cantos das organizações sem vida, acusou-me. *Você negociou sua liberdade por um punhado de ilusórias certezas. É tempo de sair de seu sono hipnótico, de sua visão infernal da existência!*

Ninguém jamais havia me tratado daquele modo.

“Quem lhe deu autoridade para falar assim comigo?”, irrompi desafiante.

Você.

Aquela resposta inesperada encarcerou-me no estado de impotência. Sentia um opressivo sentimento de culpa. Queria me esconder. Uma inexplicável sensação de vergonha me fazia sentir nu diante daquele ser que ainda não possuía um rosto. Com as últimas forças, tentei recuperar a situação que me projetava para além dos confins do mundo.

“Mas como as organizações poderiam funcionar sem empregados?”, perguntei com comedimento, na tentativa de reconduzir aquele diálogo à coerência e à razão. O Dreamer permaneceu calado. Encorajado por Seu silêncio,

que interpretei como perplexidade ou incapacidade de me responder, saí ao seu encaço: “Não fossem eles... o mundo pararia...”.

Ao contrário!, rebateu secamente. *O mundo está parado porque existem seres humanos dependentes, seres humanos extremamente assustados. A humanidade, assim como é, não pode, não consegue conceber uma sociedade livre da dependência.*

Percebendo que eu estava no limite da minha capacidade de compreensão, amenizou o tom, agora quase encorajador: *Não tema!*, disse com sarcástica solicitude. *Enquanto houver homens como você, o mundo da dependência existirá sempre e continuará a ser densamente habitado.*

Uma pausa congelou a atmosfera entre nós. De leve e irônico, Seu tom tornou-se duro como aço: *Você!... não poderá mais fazer parte dele... porque você encontrou a Mim!*

Senti um bisturi a laser perfurar dolorosamente camadas calcificadas de pensamentos e de quinquilharia emocional.

A dependência é a negação do sonho. A dependência é a máscara que os homens vestem para esconder a ausência de liberdade, a renúncia à vida.

Aquela expressão, *dependente*, eu a havia escutado e pronunciado tantas vezes, mas somente a partir daquele primeiro encontro com o Dreamer percebi quão dolorosa ela era. A condição de empregado se revelava uma moderna transposição da antiga escravidão, um estado de imaturidade interior, de sujeição. Por uma abertura na minha consciência, vi massas humanas condenadas ao destino de Sísifo, acorrentadas à repetição de um trabalho-fadiga, um trabalho sem alternativa de escolha, um trabalho sem criatividade.

Num *flashback*, revi a fachada do edifício da Rusconi¹ com a placa *Entrada de Empregados* acima dos intermináveis corredores reservados aos funcionários. Por aquela garganta imaginei passar um exército de milhares de seres subjugados, derrotados, como os romanos em Sâmnio, submetidos às forças caudinas. Uma procissão de homens e mulheres que havia deixado de acreditar na própria unicidade. Um presságio de morte do indivíduo obscureceu o ar e toda a tristeza daquele destino amordaçou minha alma.

O Dreamer penetrou naquela visão com a delicadeza de quem está cuidando de uma ferida mortal. Suas palavras soaram solenes:

Um dia, uma sociedade que sonha não trabalhará mais. Uma humanidade que ama será suficientemente rica para sonhar, e infinitamente rica porque sonha. O Universo é abundante, é uma cornucópia transbordante de tudo o que o coração de um ser humano pode desejar... Em um Universo assim é impossível temer a

1 Empresa editorial na Via Sarca, em Milão. (N.T.)

privação. Somente homens como você, burlados pelo medo e pela dúvida, podem ser pobres e perpetuar a dependência e a miséria no mundo.

“Mas eu não sou pobre!”, gritei com a voz embargada pela indignação. “Por que você diz isso?” Dentro de mim, eu justificava e tentava juntar todas as possíveis razões para demonstrar o absurdo daquela acusação.

O Dreamer continuava silencioso.

“Eu não sou pobre!”, gritei novamente. “Tenho uma bela casa, um trabalho de dirigente, amigos que gostam de mim... tenho dois filhos, dos quais sou pai e mãe...” Aqui eu parei, arqueado pela intolerável injustiça e ofensa sem fundamento.

Pobreza significa não ver os próprios limites, definiu o Dreamer. Ser pobre significa ter cedido os próprios direitos de artífice em troca de um trabalho que não ama, que não foi escolhido por você.

Você!, acrescentou quando eu já esperava que houvesse concluído, é o mais pobre dentre os pobres, porque, além do mais, não sabe quem você é... Você esqueceu! A ninguém mais dei tanta oportunidade. Esta é a última vez.

De repente, o sentimento de ofensa, de injustiça, que havia invadido cada parte do meu ser, desapareceu, e minhas defesas dobraram-se àquele decisivo golpe de aríete. Senti ruírem as antigas bases sobre as quais eu apoiava minha existência. As convicções mais radicais, como templos abalados em seus alicerces, estavam caindo.

Abra os olhos sobre sua condição e saberá quanto o ser humano se distanciou de sua realeza. Aparentemente, estamos aqui no mesmo cômodo; porém, separam-nos éons infinitos de tempo.

Aquelas palavras, como a luz intensa de um raio que rasga a escuridão da noite, permitiram-me perceber quão distante se encontrava aquele ser. Compreendi a falsidade de minha dignidade ofendida e a insignificância daquele eu que, como um ganido ao Universo, tinha pronunciado diante do Dreamer.

Tal qual cortina que encerra uma ópera bufa, caiu minha ilusão de pertencer a uma classe de poder de decisão, a uma elite de homens responsáveis, donos da própria vida. Meus olhos estavam úmidos. Sem me dar conta, eu estava sendo engolido pela areia movediça da autopiedade.

Providencialmente, o Dreamer interveio com um áspero tratamento:

Agora acorde! Faça a sua revolução... Insurja-se contra si próprio!, ordenou, chacoalhando-me, oferecendo-me uma saída da posição de contrição na qual eu estava me recolhendo. Sonhe a liberdade... a liberdade de todas as limitações. Você é o único obstáculo a tudo que possa desejar. Sonhe... Sonhe... Sonhe sem descanso! O sonho é a coisa mais real que pode existir.

Sou uma mulher...

Sua entonação mudou, e a voz, de profunda e resoluta, transformou-se na de uma mulher. Fiquei estupefato. Não era possível! Aquela voz... era... era... O pensamento caiu em um precipício... As palavras que pronunciou, mesmo que não mais violentas, tornaram-se insuportáveis:

Sou uma mulher no final da vida, disse aquela voz.

O breve silêncio deu todo o tempo para eu provar a náusea amarescente provocada por um terror desconhecido. Cabeça baixa, paralisei. Um olho impiedoso, imenso como todo o horizonte, abria-se sobre meu passado. Suportaria a visão?

Sou uma mulher doente de câncer que o amaldiçoa pelo seu abandono, por sua incapacidade de suportar uma morte anunciada.

Teso e atento, com o corpo em arrepios, sentia que cada palavra me impulsionava em direção a um abismo. Era Luisa quem me falava, encontrando-me além do tempo, além dos confins da vida, com sua indefesa docilidade. As terríveis circunstâncias de sua morte, aos vinte e sete anos, estavam agora se manifestando à consciência. A mesquinharria de tantos episódios da nossa vida juntos, o egoísmo que me havia feito barganhar tudo e todos por uma ninharia de segurança, as preocupações ligadas a dinheiro, carreira, à minha incapacidade de amá-la explodiram dentro de mim em uma única percepção de dor. Uma vergonha imensa, quase repulsa, inundou minha alma. Tentei distanciar-me do homem que eu tinha sido.

Essa é a sua morte, a morte de tudo aquilo que você foi, a morte do ranço que você carrega... Não fuja... Enfrente-a de uma vez por todas! Um homem para renascer deve primeiro MORRER.

“O que significa morrer?”, perguntei. O tom submisso que usei ao formular aquela breve pergunta surpreendeu a mim mesmo ao revelar quão diferente era agora a minha atitude.

MORRER significa reverter completamente a própria visão. MORRER significa desaparecer de um mundo grosseiro, governado pelo sofrimento, para então reaparecer em um nível de ordem superior, anunciou misteriosamente.

Eu continuava a não entender. Uma parte de mim de algum modo queria se opor. Aquelas ideias, jamais ouvidas antes, estavam me destruindo. Em seguida, um rio caudaloso derrubou cada barreira e inundou meu ser, arrastando consigo as recordações, os amigos, as minhas convicções mais radicais. Por anos eu havia desesperadamente estudado para ser o número um. Tinha trabalhado incansavelmente para me afirmar, motivado pela ambição de me tornar

alguém. Vencer, vencer... superar qualquer obstáculo que se colocasse entre mim e meu objetivo. Competir e vencer no mundo, superar os outros, era o princípio que havia guiado minha vida, o único em que acreditei de verdade... E agora teria de renegar, anular tudo isso? Parecia-me injusto que o Dreamer condenasse meus esforços.

Arrastado pelas ondas, ainda me agarrava à vontade de emergir, àquele resto de vontade que considerava a parte mais saudável, mais vital de mim mesmo.

Tudo que acontece fora de você precisa de sua aprovação interna para se manifestar. Isto significa que qualquer coisa que acontece em sua vida é o fiel reflexo da sua vontade, disse Ele, e eu aspirei aquelas palavras como oxigênio depois de uma longa apneia, mas a tentativa de raciocinar sobre aquilo que estava acontecendo fez-me perder o laivo de lucidez. Uma angústia mortal tomou seu lugar.

“Então eu fui responsável pela morte de Luisa, eu pedi isso?”

O mundo ao seu redor morre porque você morre dentro... Uma pessoa muito querida morre para você perceber sua visão mortal da existência que é a verdadeira causa de todas as suas tormentas. Não deixe que o sacrifício dela seja desperdiçado por causa de sua incompreensão e autopiedade! Qualquer circunstância ou evento que o faça entender e conhecer a você mesmo, apesar de insuportável, é sempre bom.

“Como posso remediar isso?”, perguntei, “Eu daria minha vida, agora, para mudar esta tragédia.”

Você é um mentiroso e seu passado é o reflexo de sua hipocrisia e sua imaginação doentia. Uma mudança mínima que fosse em seu Ser teria projetado um passado totalmente diferente. Este momento é o único ponto da experiência física em que você pode mudar seu passado e, com cada mudança em seu Ser, você se torna uma pessoa diferente vivendo num mundo diferente. Com uma mudança mínima de seus estados internos, a memória do seu passado, seu futuro e o universo inteiro mudarão simultaneamente. Sua história passada, que você acredita já ter vivido, e lhe é tão familiar, não passa de uma experiência imaginária que você cria nesse exato instante.

Lembre-se! Todas as possibilidades estão no Agora!

Uma espécie em extinção

Ninguém pode jamais prevalecer sobre os outros!, disse o Dreamer, penetrando nos meus pensamentos espalhados como sucata. *A ideia de prevalecer sobre os outros é uma ilusão... um preconceito da velha humanidade conflituosa, predatória... perdedora.*

A pausa que acompanhei deu-me por alguns instantes a ilusão de uma trégua. Mas era somente o movimento de preparo de um martelo antes de malhar com ainda mais força:

Você é o símbolo dessa espécie em extinção, sentenciou, desferindo o golpe, uma espécie que está dando lugar a um ser mais evoluído.

Um túnel estava sendo escavado, rompendo camadas e mais camadas de conceitos ultrapassados. Senti os espasmos de uma criatura no esforço supremo de nascer, e receei não conseguir. Em seguida, o Universo se fez maleável, fluido, até se revelar líquido. Eu nadava então em águas profundas.

Aquilo que você sente com aspecto de morte é a asfixia de uma humanidade que está trocando a pele, de uma espécie à beira do abismo, obrigada a abandonar suas superstições, seus truques que já não funcionam mais.

Tais palavras esculpiram-se no ar como uma epígrafe universal da condição humana. Vi-me debatendo-me desesperadamente em uma superfície infinita de cabeças agitadas, naufragos já conformados a se deixarem morrer.

Os seres humanos, desde os primeiros anos, são educados para viver na zona mais desolada do ser... Colocados diante de uma ideia grandiosa, ou de qualquer coisa que exorbite os limites da visão que têm, rejeitam-na e tentam diminuí-la a fim de ajustá-la ao minúsculo continente das próprias consciências.

Veio-me imediatamente a imagem dos selvagens de Bornéo secando as cabeças de seus inimigos para lhes exorcizar a força. Sua voz tirou-me brusca-mente desses pensamentos:

É hora de você enfrentar a viagem, anunciou com paternal gravidade.

Senti ternura, um estado de profunda tristeza e, junto, a autoridade de quem sabe. Notei que Seu tom se adequava perfeitamente à minha atitude de escutá-Lo, como se me refletisse em um espelho sonoro. Áspera e impiedosa contra as minhas resistências, violenta quanto ao meu estado de ânimo, repousante e doce como minha rendição, Sua voz agora havia adquirido um tom diverso. Com um gesto teatral, aproximou a própria mão do ângulo da boca, como para me fazer uma comunicação confidencial, e sussurrou:

Diante do teste da vida, até agora você não encontrou nada melhor do que se abarrotar de trabalho ou procurar refúgio no sexo, no sono ou em qualquer leito de hospital. Com intencional rudeza para me remover da autopiedade em que estava mergulhando, disse: Curvar-se sob o peso de situações desagradáveis, de desgraças, e encará-las com tanta seriedade significa reforçar a funesta descrição do mundo, perpetuar seus eventos.

“E agora, o que devo fazer?”, perguntei com a voz abalada pelo desespero.

Se um homem muda sua atitude em relação àquilo que lhe acontece, no decorrer do tempo isso modificará a própria natureza dos eventos que encontra. Nosso ser cria nossa vida, completou, aproximando-se de modo imperceptível.

Afastou-se não mais que poucos centímetros, movimento que me inquietou. Entrei em estado de alerta, de angustiante vigilância. Não sabia o que me

esperava. Nunca me vi tão atento; era como se minhas células, bruscamente despertadas de um sono ancestral, fossem agora ouvidos descerrados e olhos arregalados, atentos a captar. O Dreamer esperou que minha atenção fosse máxima para pronunciar o que agora tinha a dizer:

A morte de sua mulher é a materialização, a representação dramática do canto de dor que você sempre carregou dentro de si. Estados e eventos são duas faces de uma única realidade.

Já não O acompanhava mais. Provei a náusea de um insuportável sentimento de culpa. Um abismo imenso e sem fim abriu-se diante de mim, pronto a me engolir. Estava resistindo com todas as minhas forças à mais simples e à mais difícil das verdades: era eu o único responsável por todos os fatos de minha vida, era eu a única causa de cada sofrimento, de cada adversidade.

As luzes do mundo empalideceram, quase se apagando. Encontrava-me no limite de um limbo. Deixei-me levar, entregando-me a um torpor irresistível.

O despertar

Desperto, não pude pensar em outra coisa. Lá fora era ainda noite. O tráfego de Manhattan fluía num curso sutil, lava luminosa alimentada pela boca de um vulcão invisível. Permaneci por algum tempo imóvel, observando o ‘mundo’ flutuar sobre minha consciência com a palidez de um fantasma. Uma luminosidade nova, impiedosa, examinava com minúcia e cuidado cada ângulo de minha vida e daquele apartamento. Na mesma velocidade, móveis, livros e objetos refletiam o sofrimento de uma vida insignificante e sem alegria. Apertou-me o coração aquela particular melancolia que emana de objetos já sem dono. Senti o esforço terrível para existir, a impossibilidade de mudar. Um espasmo juntou-se ao pensamento de encontrar as crianças e ver nos olhos delas a mesma morte que impregnava cada coisa à volta. Temia que pudesse perder as forças e desaparecer com todo o resto.

Trabalhei por horas para transcrever tudo quanto havia acontecido no encontro com o Dreamer e tudo o que havia ouvido Dele naquela casa misteriosa, no cômodo de pavimento branco.

Aquele ser era agora parte da minha vida. Reproduzi fielmente Suas palavras e cada detalhe daquele encontro. Não foi difícil. Bastava fechar ligeiramente os olhos para ver aflorar na memória cada particularidade com absoluta nitidez. Nunca estive assim lúcido como no tempo sem tempo transcorrido ao Seu lado. Agora sabia que pertencia ao mar escuro de uma humanidade dividida, ignara,

a uma massa planetária de sonâmbulos incapazes de amar. Não poderia mais fingir ou ignorar isso.

Nas semanas seguintes, li e reli escrupulosamente as anotações em busca de qualquer pista que pudesse reconduzir-me a Ele e ao Seu mundo.

Do terraço do Café de la France eu observava os turistas ocidentais entrarem no *souk*.² Via-os circularem no labirinto de suas ruas, glóbulos brancos nas veias de El Fna.³ Avançavam com dificuldade, assediados que eram pelos nativos ruidosos, pela multidão de mãos mendigas castigadas pelo Sol, por vendedores de água arreados de odres lanosos. Jovens vendedoras de colares de metal e pedras roçavam de passagem os estrangeiros, esfregando-os como amuletos a quem pediam a magia de poucos dirrãs.⁴ Eu conhecia aquele olhar – sutis raios de fogo negro – e os sorrisos de súplica, como em um jogo entre amantes.

Havia três dias que eu retornava àquele café circundado pela vida frenética de Marraquesh. Esperava lendo ou bebendo um chá. Fazia-me companhia um casal de camaleões comprado assim que cheguei. Às vezes, abandonava a leitura e observava o caleidoscópico espetáculo da vida nas ruas, a agitação do comércio, o trabalho intenso dos nativos. Depois, retornava à minha mesa. Começava a me desencorajar! A ideia de pegar o primeiro voo de volta a Nova York e não pensar mais retornava insistente conforme passavam as horas e os dias. Estava tentando colocar as ideias no lugar, encontrar solução para tudo quanto estava acontecendo. Tinha partido para encontrá-Lo sem nenhuma outra indicação que não o nome daquela cidade, um monte de palmeiras e de casas concentradas entre os lábios ardentes do Saara.

Depois de haver recebido uma mensagem Sua, hesitei muito antes de partir. A mim parecia loucura atravessar o oceano para encontrar um ser fantástico, de quem não sabia nem mesmo o nome. Mil dificuldades e obstáculos surgiram e conspiraram contra a viagem. Além disso, eu me via sem ter como explicá-la a Jennifer. Dia após dia eu adiava a decisão. A necessidade de reviver aquela sensação de cura sentida apenas ao Seu lado, o receio de perder aquela única oportunidade de reencontrá-Lo predominaram. Decidi partir. Ajudou-me a tomar a decisão a minha confidente, o único ser humano a quem havia falado do Dreamer e do meu encontro com Ele: Giuseppona.

“Vá, filho!”, encorajou-me em sua linguagem essencial, marcada pelo forte sotaque napolitano, quando, no seu quarto, fui lhe falar. “Vá encontrá-Lo. Esse Dreamer me parece uma ótima pessoa.”

2 Bairro comercial numa cidade árabe; feira. (N.T.)

3 Praça e mercado na cidade de Marraquesh, no Marrocos. (N.T.)

4 Moeda usada nos Emirados Árabes Unidos e no Marrocos. (N.T.)

Giuseppona me viu nascer. Sempre fez parte da família e ajudou Carmela no trabalho de parto quando nasci. Com ela, dei meus primeiros passos, com ela ao lado enfrentei os primeiros dias de escola. Todas as manhãs, enquanto me acompanhava, escutava dela a história, sempre nova, das ruelas e da gente de Nápoles. Dela absorvia e assimilava os gostos, as lendas e os heróis daquela cidade do *cuore* antigo, raízes perdidas de civilizações apoiadas umas sobre as outras, como a túnica bufante de polichinelo, tornada depois estrato de sua pele. Com Giuseppona sentia-as ainda vivas e palpitantes; debaixo de remendos e trapos, eu via filtrarem-se lampejos de ouro e sedas preciosas. Recordo-me ainda do meu embarço quando, nos dias de chuva, ela irrompia na sala de aula, no meio da manhã, depois de render guardas e bedéis, para me fazer trocar meias e sapatos molhados. Já maior, eu não quis mais que ela me levasse à escola segurando-me pela mão, mas ainda por algum tempo me acompanhou, seguindo-me a distância. Na adolescência, foi minha confidente em todas as questões de amor. O seu lacônico juízo “Ma chella non era per te!” por anos concluiu consoladamente as minhas desilusões amorosas. Adorou Luisa desde o primeiro dia, e, quando nos casamos e tivemos a primeira menina, ela veio morar conosco. Foi a melhor governanta que poderíamos ter tido para Giorgia e Luca, aos quais sempre foi ligada por um afeto e por uma devoção sem limites.

Autodidata, decidida e combativa, de caráter rude e um pouco despótico, Giuseppona era baixa e robusta. A estrutura física e os traços decididos davam-lhe um ar ameríndio, um misto de índia anciã e chefe de tribo, de quem possuía a dignidade e a coragem. Era lenta, pesada, mas onde quer que chegasse colocava ordem. Com ela nunca faltava nada. Sua capacidade de julgamento, a mesma a que recorri em tantos momentos da vida, era uma mistura incomum e sempre nova de bom senso e sabedoria popular. Sua presença trouxe alegria e bom humor em todos os lugares que me acompanhou, em qualquer parte do mundo, e foi uma referência constante por toda a minha vida. Quando Luisa adoeceu e depois faltou, foi mãe dos meus filhos, sem esmorecer um dia sequer. Não poderei jamais pagar a dívida de gratidão, nem exprimir o que esse ser representou para quatro gerações da minha família.

Querida Giuseppona, eu a terei no meu coração para sempre.

Em Marraqesh, minha procura pelo Dreamer foi vã. Chegado o terceiro dia, eu nem estava mais certo de que o enigmático bilhete que me havia levado até lá era Seu.

Passei as longas horas de espera vagando pela cidade em busca de qualquer indício. Por volta das duas horas da madrugada, retornando ao hotel depois de uma intensa jornada de buscas infrutíferas, repassei mentalmente cada detalhe de nosso encontro, tentando descobrir qualquer pista que pudesse me levar a Ele.

Naquela manhã eu estava atravessando uma vez mais o coração do *souk*, aquele dédalo sombrio de ruelas perfumadas pelas especiarias. Os sorrisos astutos de inúmeros mercadores convidavam-me a entrar em seus empórios, bodegas e lojas apinhadas de mercadoria duvidosa. Tratava-se quase sempre de quinquilharias que ali chegavam e ali mesmo eram deixadas, como destroços depois de um naufrágio. A sequência interminável daqueles antros de comércio, muitas vezes inóspitos, escuros como vespeiros, formava as margens de um rio humano que escoava carregando consigo nacionalidades, etnias, cores e línguas do mundo.

Um homem em trajes típicos, um *mustafá* corpulento que parecia saído da prancheta de Disney, soube, para desilusão e inveja dos vizinhos, atrair-me à sua bodega. Tinha um ar bonachão e inteligente, olhos espertos e maliciosos. O interior da loja era surpreendentemente espaçoso. Assistido por duas auxiliares, eu o desafiei a encontrar alguma coisa que me pudesse interessar. Desenrolou centenas de tapetes e lustrou na própria manga, antes que eu os examinasse, uma montanha de objetos de cobre e de prata. Após inúmeras tentativas e xícaras de chá que os hábitos locais não dispensam, eu havia, então, decidido sair. De uma última prateleira, dentre milhares de bugigangas, saltou-me à vista uma caixa de madeira e marfim. Era tão finamente entalhada, suas proporções tão perfeitas, que eu não conseguia desviar os olhos dela, enquanto o mercador, percebendo meu interesse, às minhas costas acrescentava qualidades e, mentalmente, o preço.

Sobre a tampa da caixa, gravadas em caracteres góticos, liam-se as palavras: *Visibilia ex Invisibilibus*. Tudo aquilo que vemos e tocamos nasce do invisível.

Mudar o passado

Do *souk* retornei ao terraço do Café de la France para pegar meus pequenos companheiros verdes e escamosos. Ali, apoiado no parapeito, refletia sobre o que havia acontecido.

A primeira regra para enfrentar o deserto é viajar com pouca carga, alguém às minhas costas disse. Sobressaltei-me ao som daquela voz. Por mais que esperasse aquele momento e desejasse revê-Lo, não pude evitar o susto. Senti com

assombro o desconhecido, o hálito do prodígio em meu pescoço. Com esforço, voltando-me muito lentamente, encontrei coragem para olhá-Lo.

O Dreamer sorria. Sua aparência era a de um rico aristocrata viajante de outros tempos. Tinha um ar de tédio e o modo enfadonho dos esnobes, mas Sua voz carregava uma inesgotável energia. Quando começou a falar, reconheci Seu tom decisivo, aparentemente áspero.

Despojar-se de um ser exige um enorme trabalho, preveniu-me, entrando no tema sem preâmbulos. Exige abandono de tudo o que os pais, os educadores, os mestres de infortúnios e os profetas das desgraças lhe impuseram. Deles aprendemos a ter a mentalidade de vítimas, a entrar na aflição, na pobreza e na doença. Depois, aproximando lentamente Seu rosto do meu, completou:

Deles aprendemos os milhares modos de morrer. Dos primórdios da civilização, mediante um CONTÁGIO entre gerações, milhões de homens, submetidos a um sono hipnótico, aprenderam a acreditar cegamente na carência e no limite.

“Por quê?”, perguntei. “Por que não deveríamos escolher a vastidão, a ausência de cada limite... Por que não deveríamos escolher a vida?”

Porque o homem está irremediavelmente hipnotizado. Atrás de cada infortúnio encontra-se o mal dos males: a crença irremovível na inevitabilidade da morte. O primeiro passo em direção à liberdade, o mais difícil, é compreender que esse medo governa tiranicamente toda a sua vida.

Aquelas palavras e a gravidade do tom acentuada por Seu movimento de aproximação colocaram-me em estado de agitação. Como nos cultos e nos espetáculos sagrados das antigas civilizações, Sua teatralidade transformava o simples ato em um gesto mágico, um evento cósmico construtor do mundo.

Um aperto no estômago fez-me saber que o anúncio que estava por fazer desembocaria em um julgamento decisivo.

Seu passado é um castigo de Deus!, denunciou o Dreamer com voz rouca. E parou. Particularmente longa, aquela pausa foi como se, para poder ir além, esperasse um sinal que tardava a aparecer.

É preciso resgatá-lo... redimi-lo... é preciso mudá-lo.

“Mudar... o passado?”, perguntei.

No seu passado existem ainda muitas lacunas... contas não saldadas, débitos interiores jamais pagos, senso de culpa, vitimismo, e, sobretudo, cantos escuros em que predominam ferrugem e pó, listou, revolvendo-me como uma gaveta cheia de objetos de pouco valor.

Seu ser é um negócio mal administrado, sem critério de preço... aquilo que tem valor é vendido abaixo do custo, e as bugigangas a preços altos. Continuar nessas condições significa falir.

Eu teria colocado uma barreira protetora diante da força explosiva daquelas palavras que me perseguiam sem um minuto de trégua.

“Como é possível modificar o passado, situações e eventos já acontecidos?”, perguntei para me defender, para desviar aquela pressão que exigia uma responsabilidade insustentável.

Existe um lugar onde pensamentos, sensações, emoções, ações e eventos são registrados para sempre e, mesmo depois de anos, podemos reencontrá-los como objetos sem uso, guardados no sótão, aparentemente inativos, inermes. Na realidade, eles continuam a agir e a condicionar toda a nossa existência. É para lá que você deve retornar! Exigirá uma longa preparação.

“De quanto tempo?”, perguntei com a agitação e o temor de quem tem diante de si uma viagem arriscada.

Serão necessários tantos anos quantos foram aqueles de inábil gestão, foi a lapidar resposta que golpeou tanto minha conduta na vida quanto a insolência de minha pergunta. Um fulminante sentimento de ofensa surgiu como um reflexo psicológico condicionado que invadiu cada parte do meu ser. Do mesmo jeito que apareceu, foi-se, como um resmungo.

O Dreamer ocupava uma das mesinhas do café. Com um aceno, indicou-me um lugar ao Seu lado. Calado por longo tempo, a atmosfera tornou-se mais profunda à medida que a noite atenuava os sons confusos que animavam El Fna.

Perdoar-se dentro

O por do sol lançava seus últimos raios. No cobalto cambiante do céu, Órion era já visível. A temperatura havia caído de repente, mas o Dreamer não deu sinal de se ressentir disso nem de querer entrar. Tudo indicava que estava por se abrir um novo e importante capítulo do meu aprendizado. Peguei caneta e caderno, decidido a tomar nota de cada palavra Sua, não obstante a incipiente escuridão na qual o terraço rapidamente mergulhava. Senti-me bem com aquele gesto. Entendi a importância de sempre ter papel e caneta à mão. Papel e caneta queriam dizer *re-cordar*, recuperar, recolher partes de mim dispersas pelo mundo quando longe Dele. Escrever diante Dele, anotar cada coisa que dissesse, significava entrar na ponta dos pés em zonas inacessíveis do ser. Sua voz flagrou-me:

Para conquistar aquela especial condição de liberdade do ser, de conhecimento, de poder... são necessários anos de Trabalho sobre si mesmo. É preciso perdoar-se dentro, disse, enfatizando essa expressão com uma particular inflexão de voz, estranha ao caráter guerreiro e à linguagem inexorável do Dreamer.

Voltou os olhos para se certificar de que eu estava mesmo sendo fiel nas minhas anotações. Esperou que eu completasse e continuou: *Perdoar-se dentro não é o exame de consciência de um santo obtuso, mas o verdadeiro fazer de um homem de ação, o resultado de um longo processo de atenção... de auto-observação. Significa entrar nas sinuosidades, nas partes mais íntimas da própria existência, bem lá onde é ainda lacerada... Significa lavar e curar as feridas ainda abertas... liquidar todas as contas não pagas.* Assumindo uma postura teatralmente circunspecta e abaixando a voz como quem conta um segredo, confidenciou: *Perdoar-se dentro tem o poder de transformar o passado com toda a sua carga.* Infinitas vezes remexi no meu íntimo esse conhecimento de significado incompreensível.

Tudo é aqui, agora! Passado e futuro estão agindo juntos neste instante na vida de cada ser humano.

Isso me encheu de uma inexplicável, incompreensível felicidade. Encontrava-me diante de uma visão sem limites. Passado e futuro não eram mundos separados, mas conectados e indivisíveis. Uma só realidade. PERDOAR-SE DENTRO era uma máquina do tempo... para poder ingressar em um tempo passado que, na visão comum, não existia mais, e em um tempo futuro, que ainda estava por vir...

“Até entendo que o passado pode agir sobre nossa vida; mas o futuro...?”, perguntei.

O futuro, como o passado, está sob seus olhos, mas você não pode ainda vê-lo.

Falou-me de um *tempo vertical*, de um *corpo-tempo* que comprime passado e futuro em um só instante. Um tempo sem tempo, cuja porta de entrada é o instante agora. O segredo é não se distrair, não afastar-se mais.

Penetrar nesse *corpo-tempo* significa poder mudar o passado e desenhar um novo destino.

Provei um irrefreável entusiasmo. Desejei que aquela aventura começasse imediatamente... queria aquilo com todas as minhas forças. Mas meu ímpeto nem teve tempo de se manifestar, contido que fui pela Sua severidade: *Para homens como você é impossível perdoar-se dentro.*

O tom era de um julgamento sem apelação. *Para entrar no próprio passado e curá-lo, é preciso uma longa preparação. Somente um trabalho de Escola pode tornar isso possível.*

Perdoar-se dentro é um retorno a si mesmo, é a verdadeira razão pela qual nascemos, afirmou o Dreamer em tom conclusivo. *Os seres humanos não deveriam jamais interromper esse processo de cura.*

O Dreamer preparou-me, advertindo que tudo isso exigiria de mim grandes esforços e, antes de qualquer coisa, um longo trabalho de auto-observação.

Auto-observação é autocorreção

Auto-observação é autocorreção. Um ser pode curar qualquer coisa do seu passado se tiver a capacidade de observar a si mesmo, afirmou o Dreamer, que prosseguiu ressaltando como as condições do ser humano não são outra coisa senão um efeito de sua incapacidade de se conhecer e, antes ainda, de se observar.

Auto-observação é olhar de cima a própria vida. É como submeter eventos, circunstâncias e relações do passado a um raio de luz.

Segundo o que pude entender, a condição *sine qua non* da auto-observação é a capacidade de conduzi-la com imparcialidade e sem falso moralismo. Auto-observação para o Dreamer significa deixar fluir a própria vida não diante de um tribunal de julgamento, mas sob o raio X de uma inteligência imperturbável, testemunha neutra que se limita a observar, abstendo-se rigorosamente de emitir qualquer juízo ou formular alguma crítica. Remotamente, isso me fez pensar em alguns experimentos de psicologia aplicados a empresas que conheci quando ainda estudava na London Business School. Grandes empresas tinham conquistado níveis excepcionais de produtividade por intermédio do sistema de administração móvel,⁵ como batizaram os pesquisadores. O processo se fundamentava na atenção e propunha a função de administração ambulante. A tarefa de um administrador móvel consistia exatamente em circular, fazer sentir a sua presença em todos os cantos da empresa, mesmo os mais distantes.

Sua voz removeu-me bruscamente daquelas recordações e das minhas reflexões, tirando-me de súbito das salas de aula londrinas da LBS.

Auto-observação é autocorreção, repetiu. Auto-observação é cura... uma consequência natural do distanciamento que se cria entre o observador e o observado. A auto-observação permite a um ser ver tudo aquilo que o mantém grudado à esteira rolante do mundo: pensamentos obsoletos, sentimentos de culpa, preconceitos, emoções negativas, previsões de desgraças... É uma operação de distanciamento, de desipnotizar, de despertar...

A menor suspensão da ação hipnótica do mundo esfacelaria tudo aquilo em que sempre se acreditou, tiraria a sustentação do aparente equilíbrio e das certezas ilusórias reunidas no curso de uma vida. Por isso, a maior parte dos seres humanos nunca poderá aplicar a auto-observação. Distanciar-se da descrição do mundo, ainda que por um átimo, é uma ação que vai além dos limites comuns.

Fitou-me intensa e demoradamente. Estava movimentando a mira do discurso em minha direção. Um nó no estômago antecipou a dor daquilo que estava por vir:

5 Em inglês, no original, *Wandering Management*. (N.T.)

Coloque em ação o observador que existe em você! A auto-observação é a morte daquela multidão de pensamentos e emoções negativas que sempre governaram sua vida. Se você se observa internamente, o que é certo começa a acontecer e aquilo que não é começa a se dissolver.

Um olhar bastou para perceber minha expressão perturbada. Adicionou:

Ninguém pode conseguir isso sozinho. Encontrar-se consigo mesmo, com sua mentira, aventurar-se nos labirintos do ser sem uma preparação impecável iria matá-lo num instante.

A conclusão soou como uma condenação. Receei que me abandonasse, tomasse meu caso como sem solução, e cada esforço empregado a meu favor como inútil. Surgiu em mim uma determinação intrépida, heróica. Minha presteza deixou-O reflexivo. Lentamente, assumiu uma de Suas posturas originais. Esticou o indicador e o dedo médio da mão direita e manteve-os unidos, espremidos contra a bochecha. Apoiou o queixo sobre a concavidade do polegar, mantendo a cabeça ligeiramente inclinada. Permaneceu assim, absorto, por um tempo interminável. Não me olhava, mas eu estava certo de que nenhum dos meus pensamentos Lhe escapava. Eu estava jogando o final de uma partida decisiva, talvez a última. Tudo dependia de mim. Esperei. Finalmente, o Dreamer saiu de Sua imobilidade:

Veja... é lua cheia, disse, apontando o astro com um leve sinal com o queixo. Um ser humano pode olhar milhares de luas durante todos os seus anos, mas muito provavelmente, no final de sua vida, não terá encontrado tempo de observar nem ao menos uma... E isso está fora. Imagine o quão mais difícil é para um ser humano observar-se, inverter a posição da própria atenção. A auto-observação é só o início da arte de sonhar.

Permanecemos em silêncio por um longo tempo. O terraço do Café de la France, solene na escuridão, era a proa de uma nave espacial pronta a sulcar o céu estrelado. A bordo, apenas nós... solitários argonautas do ser.

Prepare-se, avisou-me no tom decidido de um homem de ação. Não será um passeio.

Escutei atentamente as últimas recomendações. Ainda ao meu lado, Ele me expôs friamente o risco de eu me colocar enredado em uma espécie de limbo mental, no qual o passado não fora ainda compreendido, abandonado, e o novo, ainda não formado. Daquela faixa de espaço-tempo eu não teria nenhuma possibilidade de retornar ao mundo do Dreamer. Evidenciou que aquele poderia, portanto, ser o nosso último encontro.

O passado de uma pessoa comum... de quem ainda não deu nem os primeiros passos em direção à unidade do ser, é cheio de anzóis que o agarram à mínima tentativa de ali entrar e fazer mudanças...

Foram as advertências que pude ouvir. Como uma embarcação que se libera das correntes, tive a sensação de que o terraço oscilava e de que os objetos em torno começavam a se distanciar.

“Já estamos”, pensei, impondo-me coragem.

Sentia com dificuldade aquilo que o Dreamer me dizia, como se Sua voz fosse, em alguns momentos, encoberta pelo ruído de motores invisíveis. O terraço transformou-se em uma máquina do tempo. O Universo parou, a fita do tempo retornou, nada no mundo pareceu mais importante do que aquela nossa viagem em sentido reverso na minha consciência e no meu passado.

Tive a impressão de deslizar na escuridão impenetrável de um túnel, como se nossa máquina estivesse atravessando uma geologia interna: camadas e mais camadas calcificadas de existência.

Da escuridão, um primeiro fragmento da minha vida aflorou como uma ilha. Acompanhei sua aproximação. Aumentava junto com minha sensação de estar entrando em um mundo familiar, mas ao mesmo tempo arcano, misterioso, nos limites do desconhecido.

Embora no tempo linear tenham se passado apenas poucos anos dos fatos que eu estava reexaminando junto ao Dreamer, aquela parte da minha vida pareceu-me incrivelmente remota.

A morte nunca é uma solução

Luisa morreu aos vinte e sete anos. Um melanoma havia aberto uma cavidade em uma de suas pernas, como um buraco na areia que uma criança faz brincando na praia. Os contornos do mundo fizeram-se ainda mais confusos, como se eu visse através dos olhos surrados de um pugilista. Por meses conheci apenas rancor: um ressentimento surdo entre a raiva e o medo.

Perturbação,

dor...

Escuridão!...

Criminosa cumplicidade de pensamentos e emoções...

Fragmento imprevisível e danoso do ser...

Uma lâmina de luz transpassa

o escuro da minha existência.

Dor,

perturbação...

Escuridão!...

Uma fresta...
 Atrás: escuridão... e dor... outra vez!...
 Voo ao seu encontro, aproxima-se, avulta,
 o planeta opaco dos meus anos passados...
 Pousar... mas onde?
 Sem espaço, sem passagem...
 nem um só milímetro quadrado de sinceridade...
 no deserto rochoso dos meus pensamentos.
 Um canal me engole...
 Escuridão...
 Dor...
 Perturbação!...
 O quarto de um hospital de província... cheiro de creolina...
 odor de doença e de impotência.
 Uma figura prostrada ajoelhada diante de um ser estendido, imóvel...
 Aproximo-me...
 aquele homem...
 assustado...
 sou eu!!!

Essa era a cena que eu observava com o Dreamer. A austeridade daquela marmórea presença, já estranha, lançava uma luz persistente sobre aquele pequeno homem debilitado e denunciava seu anacronismo. Escutei a multidão confusa que atordoava seu ser, a revoltada turba de pensamentos, desejos pequenos, emoções que se lhe agitavam o interior como resíduo de vida. Pelos olhos do Dreamer, como sob o efeito de um alucinógeno, eu via além das aparências o grumo de egoísmo e medo a que aquele homem se reduzira.

É um fantasma que chora a própria morte, comentou sem piedade o Dreamer, indicando-o com um movimento do queixo. O medo, o sofrimento, a angústia não são o efeito, mas a verdadeira causa de todos os seus dissabores.

O Dreamer estava me revelando o mal dos males, a fonte de cada adversidade, individual e social, local ou planetária!

O caos que cada ser humano carrega dentro de si, seu inferno, projeta-se no mundo materializando-se em vinganças, discriminação e guerras entre raças, ideologias, crenças e religiões.

A emoção daquela descoberta enredou-se ao horror, à piedade, à vergonha, quando notei naquele homem os sinais acentuados de um precoce envelhecimento.

Aquele homem sofre não porque está diante de um evento lutuoso, doloroso, mas está diante daquele evento porque escolheu o sofrimento como condição natural sua, denunciou lapidarmente o Dreamer.

Percebi que tudo aquilo que foi e que ainda aconteceria em minha vida já estava ali, compreendido naquele instante, como a secularidade de um carvalho contida em sua semente. Cada detalhe revelava o descuido, o abandono, o ranço da vida daquele ser. Queria fazer alguma coisa àquele homem que eu havia sido, advertindo-o de nossa presença. Queria entrar naquele ser para pôr ordem às coisas, infundir-lhe um pouco de dignidade, fazer que ele endireitasse as costas curvas, desmanchar aquele semblante de dor do seu rosto...

É impossível intervir! Você não pode fazer nada!, preveniu-me o Dreamer. Seu tom tornara-se imperceptivelmente mais doce. *Aquele homem ama sofrer! Ele juraria o contrário, mas, na realidade, não sairia do seu inferno por nada deste mundo.*

Eu estava atônito, incapaz de acreditar em tamanha monstruosidade. O Dreamer percebeu minha expressão de incredulidade e acrescentou:

Entregar-se àquele estado permite-lhe permanecer agarrado ao mundo e sentir-se seguro. Mesmo na dor de sua condição, é embalado pela ilusão de que uma ajuda pode chegar do exterior... Se pudesse se observar... se pudesse modificar um só átomo de sua atitude, de suas reações... se tivesse a capacidade de elevar em um só milímetro um pensamento seu, uma emoção sua, toda a sua vida se transformaria...

Aqui, teatralmente, modificou Sua voz em um enérgico murmúrio. Aquela repentina mudança de tom aguçou minha capacidade de ouvir:

Um ser humano não pode mudar os fatos de sua vida, somente a maneira como os interpreta.

“Você havia me dito que é possível mudar o passado...!”, objetei em tom de acusação. Um doloroso sentimento de desilusão, uma onda de desespero embaçava meus olhos, como em um pranto.

Isso que você vê, esse fragmento de sua existência em que você gostaria de intervir, não é seu passado, rebateu secamente o Dreamer. *É o seu futuro!*

Tudo se repete na sua vida... Os fatos são recorrentes, sempre os mesmos, porque você não quer mudar... Ainda se lamenta, ainda acusa o mundo, certo de que alguém de fora possa prejudicá-lo ou ser a causa dos seus infortúnios... O ser humano comum, aprisionado na circularidade do tempo, não tem um futuro de verdade, mas somente um passado que se repete e repete...

Agora você está vendo por intermédio dos Meus olhos! Um dia, quando assumir a responsabilidade disso, saberá que seu vitimismo não é uma consequência, mas a origem de todas as suas desventuras... que você, e somente você, é a causa de tudo isso... Só aí você poderá trazer luz ao seu passado e curá-lo.

Estávamos na sala funerária. Ao lado do corpo de minha mulher, outros jaziam imóveis. Nenhum era jovem como Luisa. Naquele vazio, ecoaram palavras que jamais esquecerei:

A morte dessa mulher é a imagem especular dos seus estados de ser, das suas mortes interiores.

Por mais que o Dreamer houvesse me renunciado as dificuldades que eu encontraria ao percorrer passagens da minha história, revivendo-a com Ele ao meu lado, senti-me esmagado pelo peso da Sua visão. A responsabilidade que isso exigia era insustentável. Como poderia aceitar ser o idealizador, o diretor daquele filme de horror que eu chamava de minha vida?

A morte é imoral, anunciou com voz firme, é não-natural...

A morte física é apenas a materialização de milhões de mortes que a cada dia acontecem dentro de nós; é a cristalização da crença emprestada de uma humanidade que se acorrenta na dor e ama sofrer.

Os seres humanos fizeram da morte sua via de fuga, seguiu implacável, indiferente à minha agitação. Sabem perfeitamente como se suprimir, conhecem todas as técnicas...

O corpo é indestrutível!... Ainda assim querem tornar inevitável o impossível... Um ser humano não pode morrer; pode tão-somente matar-se! Para conseguir isso, deve dedicar-se intensamente e fazer da autocomiseração e da autossabotagem um trabalho em tempo integral.

Parou um pouco para procurar o modo com o qual pudesse superar minha resistência, a rudimentar capacidade do meu ouvir e o muro hipnótico que eu havia levantado em oposição àquelas ideias revolucionárias de poder desconhecido.

A morte é sempre um suicídio, atestou, imprimindo àquele aforismo a força de um grito de guerra. Quando esse modo de pensar se tornar carne da sua carne, sua visão mudará radicalmente e, com ela, sua realidade.

O Dreamer estava atacando convicções seculares, a crença indestrutível compartilhada pela totalidade dos seres unidos pela condição comunal de moribundos, pela generalizada convicção de que a morte é natural e inevitável. Vi-me violento, enraivecido, como se alguém estivesse arrancando de golpe o que eu tinha de mais valioso. Algo lacerou meu ser. Um grito mudo ecoou dentro de mim e permaneceu de fundo como um resmungo de rancor.

Neste exato minuto, milhares de seres humanos pensam e sentem negativamente, ludibriados como você pelo mesmo ressentimento. Sentindo-O penetrar nos recônditos do ser que eu acreditava os mais secretos e inacessíveis, vivi uma vergonha infinita, como se houvesse sido flagrado roubando. É esse o estado do ser que impede à humanidade qualquer possibilidade de fuga dos círculos mais dolorosos da existência, anunciou com uma inflexão de amargura. Depois, em tom conclusivo, disse:

Os seres humanos veneram a morte e não a suprimiriam jamais, nem mesmo se pudessem, porque a consideram solução para seus problemas, o fim do sofrimento e das inúmeras mortes psicológicas que se infligem... mas a morte não é nunca uma solução!

A névoa hipnótica dissipou-se, a visão se abriu. Enquanto as palavras do Dreamer tornavam-se reais, naquele quarto decorado para o luto, com outros leitões circundados por velas, a morte de Luisa parecia irreal, como a cena de uma missa macabra.

A cura vem de dentro

Prosseguindo na viagem de volta ao passado, alcançamos o período dos últimos meses de vida de Luisa. Revi-me no estúpido papel de marido sofredor, de jovem chefe de família, já curvado pelo peso de uma desgraça grande demais. Observei aquele pequeno homem sentir compaixão por si mesmo, acusar, recriminar, recordar com dor. Eu o vi despeitado, abandonado à inveja, ao rancor, perdido em imagens doentias, palpitante de ansiedade, o coração apertado entre as garras implacáveis de seu senso de culpa. Ouvi seu canto de dor, aquele incessante ato de acusação dirigido ao mundo e aos outros... Não pude suportar mais.

“Por que tudo isso? O que faço aqui?”, gritei em descompostura para o Dreamer, sentindo-me destroçado pela vergonha daquela visão. Teria virado as costas e fugido, mas não consegui mover um músculo.

Com inesperada gentileza, o Dreamer repetiu o objetivo daquela viagem: levar luz ao passado, retornar dali com uma nova compreensão. Era uma oportunidade única.

Como em uma verdadeira cura, o processo deve vir de dentro, disse, tirando-me providencialmente daquela condição de vítima a que me submetia a todo instante. *É o nosso ser que cria o mundo, e não vice-versa!*

Como todas as pessoas, você sempre acreditou que fossem os eventos os geradores dos estados que você vive, e as circunstâncias externas, as responsáveis por fazê-lo infeliz e inseguro. Agora você sabe que essa é uma visão invertida da realidade.

Estava repreendendo-me. Esperei alguns segundos e depois fiz sinal ao Dreamer de que estava pronto para prosseguir.

A etapa seguinte foi a Via Bolognese, em Firenze, onde naquele tempo eu trabalhava com formação gerencial. Naqueles meses, com os colegas, eu havia estabelecido uma espécie de simbiose emocional, que combinava a minha atitude de autopiedade com a solidariedade barata deles. Nem percebiam, mas minha desgraça os fazia se sentirem bem; era um susto saudável que os colocava diante da precariedade da vida e que lhes permitia, momentaneamente, estimar a medíocre razão de existência que os movia. Tratavam-me com a gentileza ou solicitude que se dedica a um doente, a um ferido, a um derrotado. Vi todo o horror daquela barganha e senti um profundo desconforto. De